

## **Histórico da Comunidade Judaica do Paraná**

*Excertos da dissertação de mestrado da professora Regina Rotenberg Gouvêa (1980), da publicação “Crônica”, de Bernardo Schulman (1953) e do Histórico do 50º aniversário de fundação da Primeira Sociedade Israelita do Paraná (1963), escrito por Luiz Mazer e Moyses Bronfman.*

Não se pode falar da existência de uma comunidade judaica no Brasil, pelo menos até o fim do século XIX, quando chegaram os primeiros contingentes israelitas definidos e autodefinidos como tal. Mesmo porque, enquanto colônia, o Brasil teve suas portas fechadas a qualquer outra nacionalidade que não a dos senhores portugueses e a dos escravos africanos. As possibilidades eventualmente abertas foram residuais e os judeus que para cá vieram — ou porque seus bens foram confiscados; ou porque eram perseguidos pelo Santo Ofício; ou ainda porque participavam dos empreendimentos coloniais — mimetizavam-se sob a nacionalidade e a religião das nações ibéricas, até se descaracterizarem por completo da condição de judeus, como ocorreu com os chamados cristão-novos. (1)

De qualquer forma, não era exatamente o Brasil rural e sem um comércio interno significativo que os judeus procuravam para fugir dos massacres (oficiais ou não) a que eram submetidos na Europa Oriental, principalmente a partir de 1881. (2) Sua experiência era, sobretudo, urbana, mercantil, uma vez que até a Revolução Francesa, na Europa Ocidental, e até o fim da 2ª Grande Guerra, na Europa Oriental, não podiam em geral possuir terras nem trabalhar em funções estatais.

Com efeito, a maior parte do contingente migratório judaico da Europa ao longo do século XIX dirigiu-se para os Estados Unidos, Canadá e Argentina, países que, além das facilidades oferecidas aos imigrantes, possuíam graus mais elevados de desenvolvimento mercantil. E para eles se dirigiam os esforços da Jewish Colonization Association (ICA), a agência que auxiliava a emigração de judeus. (3)

No Brasil, foram dadas algumas oportunidades para a formação de colônias judaicas, particularmente em meados do século XIX, quando se buscavam alternativas para o trabalho escravo. Mas era um trabalho rural que somente teve resultados

limitados, como aquele verificado na Amazônia, no auge do ciclo da borracha, quando vieram para cá judeus gregos, turcos, palestinos e libaneses, os "*sefardim*" (4), muito mais como empresários que como mão-de-obra. Da mesma forma, não tiveram êxito as colônias agrícolas israelitas que a ICA tentou implantar no Rio Grande do Sul em princípios do século XX. (5) Tanto a Colônia Philipson, no Município de Santa Maria, quanto a Colônia de Quatro Irmãos, no Município de Passo Fundo, tiveram curta duração. Seus membros acabaram se dirigindo às cidades do Sul do País, para onde já estavam chegando levadas mais significativas de judeus poloneses e russos.

O Brasil só se constituiu efetivamente em opção para esses emigrantes a partir do momento em que os grandes centros de atração impuseram restrições à imigração, ou em que as oportunidades econômicas que normalmente ofereciam foram obstruídas por crises. Como ocorreu, de fato, na Argentina, no Canadá e nos Estados Unidos na década de 1920. Entre os argentinos, em particular, o fluxo imigratório foi contido num momento de grave crise econômica em que se registravam altos índices de desemprego, tornando-se necessária, segundo as autoridades, uma interrupção do fluxo imigratório como forma de defender os empregos dos nacionais. (6)

As dificuldades na Argentina fizeram mudar, durante aquela época, o itinerário de inúmeros judeus ucranianos e poloneses, que vieram a se instalar nas regiões mais desenvolvidas do Sul e Sudeste brasileiros. Judeus alemães e austríacos seguiriam a mesma rota quando da ascensão do nazismo na década de 1930.

### **Primeiros imigrantes em Curitiba e suas instituições**

Os primeiros judeus a se instalarem no Paraná, em 1889, vieram da Galícia austríaca numa leva de imigrantes não judeus daquela região. Eram os cinco homens e as três mulheres da família Flaks (entre eles o casal José e Roni, e os meninos Miguel e Frederico) e meses mais tarde Max Rosenmann e seus irmãos (7), que se estabeleceram na recém-criada colônia agrícola polonesa de Tomás Coelho, atual Barigui.

A instalação de colônias agrícolas nos arredores de Curitiba constituiu um programa anterior mesmo à Proclamação da República e que visava estimular a

imigração europeia para fins de abastecimento dos centros urbanos. Os judeus não eram exatamente camponeses, mas tinham experiência adquirida, ainda na Europa, na intermediação comercial de produtos agrícolas, em especial os cereais, o que facilitou suas relações com os agricultores de Tomás Coelho. Os Flaks e Max Rosenmann, que eram identificados e respeitados como judeus, organizaram um armazém de secos e molhados, onde comercializavam os gêneros agrícolas dos camponeses.

A transferência para o centro urbano de Curitiba dar-se-ia alguns anos mais tarde. Os Flaks retornaram à Europa com a finalidade de casar os filhos, única forma que julgaram conveniente para evitar que seus filhos casassem com não-judeus. Max Rosenmann, nessa mesma ocasião, saiu de Tomás Coelho e instalou um moinho a vapor na capital paranaense.

O desenvolvimento posterior da comunidade israelita do Paraná teria como cenário a cidade de Curitiba. Para cá se dirigiu também parte do contingente de imigrantes judeus chegados ao Brasil no início do século XX. Em geral, vinham apenas os homens, que após algum tempo chamavam suas esposas, noivas e demais parentes. Via-de-regra, sua vida cultural e religiosa era desenvolvida, informalmente, na casa de Max Rosenmann.

De fato, Rosenmann foi o elemento congregador para a preservação da identidade étnica do grupo, organizando ao seu redor a prática das principais cerimônias do rito judaico, como o "*Shabat*", o "*Seder*", o "*Yom Kipur*" e o "*Rosh Hashaná*". (8) Também cuidava da realização dos rituais referentes ao nascimento — o *Brith Milá* — (9) e à morte.

As práticas comunais seriam institucionalizadas a partir de 1913, quando o grupo já era constituído por 12 famílias e mais 17 homens, alguns solteiros e outros que haviam chegado sem as respectivas esposas e demais parentes. Nesse ano, funda-se a União Israelita do Paraná, (10) que ocupou, no princípio, uma casa alugada à Rua Graciosa, atual Cândido de Abreu.

As funções religiosas ocupavam um lugar importante na União Israelita que, entre as suas primeiras providências, mandou buscar, em São Paulo, um "*Sefer Torá*",

o "*Aron Hakodesh*", o "*Bimah*", a "*Menorah*", o "*Ner tamid*", o "*Parochet*" e o "*Shofar*", objetos esses necessários ao rito. (11) As funções beneficentes acompanhavam as religiosas.

Os novos imigrantes eram logo convidados a ingressar na instituição, o que fez aumentar significativamente o número de associados e criou a necessidade de se encontrar uma nova sede, mais ampla e central, como aquela efetivamente encontrada na Rua Cruz Machado, 45, em 1938.

Durante a 1ª Guerra Mundial, o fluxo imigratório foi interrompido e a comunidade judaica de Curitiba ainda viu partirem vários de seus membros, que se dirigiam às capitais mais desenvolvidas do País, São Paulo principalmente, à procura de melhores oportunidades econômicas. Além disso, as prioridades dos judeus curitibanos, como, de resto, de outras comunidades europeias aqui residentes, deslocaram-se para a ajuda às vítimas do conflito. Funda-se entre os israelitas, um Comitê de Socorro, paralelamente ao qual se organiza um Comitê Feminino para a prestação de assistência social.

Dessa forma, a União Israelita perde a exclusividade no trato dos problemas da comunidade. Em 1917, é formada a organização Shelom Sion, voltada para uma questão até então pouco considerada pelo grupo, o sionismo. (12)

Em 1920 fundem-se essas várias instituições — a União Israelita do Paraná, a Sociedade Beneficente Feminina (o antigo Comitê Feminino) e a Shelom Sion — num único órgão, o Centro Israelita do Paraná. A autonomia de cada uma delas foi mantida através de departamentos distintos voltados a atividades específicas. Quase simultaneamente se registrava um dos maiores surtos de crescimento da comunidade judaica de Curitiba, repetindo-se aí o que ocorreu nas principais capitais brasileiras.

Com efeito, no período entre guerras, dois fatos concorreram para tal incremento. Por um lado, o Brasil saía da 1ª Guerra Mundial com um parque industrial pouco mais diversificado (13), e com seu saldo comercial superavitário, favorecendo investimentos. Por outro lado, recrudescia na Europa, em especial na Alemanha, na Áustria e na Polônia, o antissemitismo, enquanto que nações tradicionalmente

receptivas aos imigrantes, como os Estados Unidos, Canadá e Argentina, limitavam a entrada de estrangeiros.

Curitiba participou desse processo, perceptível no aparecimento de um número significativo de fábricas, principalmente no setor alimentício. O ambiente era propício ao comércio, que a população judaica da capital paranaense cresceu de tal forma, aparecendo, então, pela primeira vez, a possibilidade concreta de criação de duas instituições importantes: a Escola e o Cemitério.

Os judeus emigrados sempre têm, como uma de suas grandes preocupações, o estabelecimento de um campo santo, onde possam enterrar seus mortos de acordo com seus rituais. (14)

Desde os tempos da "Diáspora", o morto deve ser enterrado de tal forma que as plantas dos pés possam indicar a direção da Terra Santa. Cada morto deve ter a sua própria cova, não se utilizando o jazigo único para toda a família. O caixão é igual para todos e não leva madeiras nobres nem adornos, para evitar a discriminação de classes e camadas sociais.

A preparação do cadáver, por outro lado, exige um banho e uma mortalha branca sem nós, para permitir, segundo a tradição mística, a ascensão direta da alma. Para tanto se faz necessário um cemitério próprio, ao contrário, por exemplo, da sinagoga, cujas funções podem ser desenvolvidas em qualquer local, desde que conte com a presença de dez homens judeus com mais de 13 anos de idade.

Por essas razões, alguns dos membros da comunidade procuram, logo no início da década de 20, construir um cemitério próprio, no que foram desestimulados pelo Prefeito da época, que argumentava já existir o Cemitério Municipal, amplo e franqueado a todos, no qual se respeitava qualquer rito fúnebre.

Novas gestões seriam feitas nos anos seguintes, principalmente através de uma troca de correspondência entre Salomão Guelmann e o Arcebispo de Curitiba. Finalmente, em 1926, a Prefeitura Municipal se encarregou de construir, na avenida Água Verde, o cemitério israelita ao lado do já existente cemitério cristão.

A escola só teria seu espaço próprio a partir de 1927. Não que fosse até então desnecessária: em 1921 já havia um grande número de crianças em idade escolar, sem existir um órgão especializado na sua instrução. Havia também uma notória preocupação dos pais, que chegaram a formar um grupo de estudos para discutir o problema escolar. Mas faltavam verbas para a concretização dos projetos.

A ICA enviou, em 1925, um professor, cujas aulas eram ministradas na sede do Centro Israelita do Paraná. Tal experiência durou apenas seis meses e as aulas só foram retomadas em 1927, com a chegada de um casal de professores, cuja remuneração era paga em parte pela comunidade e em parte pela ICA. A escola ganhou um prédio próprio (uma casa alugada na rua do Rosário), e o governo estadual nomeou dois professores para o ensino de Português, História, Geografia e Ciências.

Em 1935, a Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann, como passou a ser denominada em retribuição ao homem que doou seu novo prédio, passou a ser uma instituição oficializada que, em convênio com o Estado, aceitava também a matrícula de alunos não judeus.

A época da conflagração da 2ª Guerra Mundial marca a sociedade curitibana em seu conjunto como um período de prosperidade econômica que se acentua no pós-guerra, provocando uma modificação qualitativa no seu estilo de vida, inclusive da comunidade judaica.

Por outro lado, o Estado Novo não apenas restringiu a entrada de novos imigrantes, como também limitou as suas atividades, especificamente as culturais, obrigando, por exemplo, a nacionalização das suas instituições e o ensino exclusivo em língua portuguesa. No caso judaico, o Centro Israelita do Paraná teve que mudar seu nome para Centro Mosaico, dedicando-se apenas aos ofícios religiosos. (15) Essa ação — que poderia ter resultado na rejeição ao Estado e às suas determinações, com o conseqüente enquistamento do grupo — levou, entretanto, à abertura em direção à sociedade mais ampla.

Essa abertura significou uma participação maior da comunidade junto aos setores político-sócio-econômicos de Curitiba. Não ocorreu, porém, a

descaracterização completa do grupo como nos séculos XV e XVI no caso dos cristãos-novos na Península Ibérica. No fim da 2ª Grande Guerra Mundial, retomaram as suas instituições tradicionais com a diferença de que suas atividades culturais e sociais não eram mais tão distintas em relação ao resto da sociedade.

A escola, por exemplo, passa a ter o currículo igual ao das demais escolas estaduais. Mesmo uma instituição como a "*Hilfs Farhein*", criada no pós-guerra quando do reinício da imigração, dava como prioritária a função de adaptar os judeus à nova terra, especialmente no que se refere a alojamento e trabalho.

O Centro Israelita do Paraná teve sua nova sede projetada para funcionar como um clube, no qual as atividades sociais e culturais se colocam ao nível das esportivas e de lazer.

A tendência perceptível já na década de 1950 no sentido da especialização da instituição se concretiza ao longo das décadas de 1960 e 1970. A função religiosa, até então organicamente vinculada ao Centro, é isolada com a construção de uma sinagoga.

Notas:

1. NOVINSKY, Anita. *Cristãos novos na Bahia*. São Paulo, Perspectiva, c19 72. 238 p. 40
2. NOVINSKY, Anita. Os israelitas em São Paulo. In: MARCONDES, J. V. Freitas & PIMENTAL, Osmar. *Espírito, povo, Instituições*. São Paulo, Pioneira, 1968. p. 126-7.
3. A ICA foi fundada em 1891 por um grupo de banqueiros judeus, liderados pelo alemão Maurice Hirsh (1831-1896) para auxiliar a saída dos israelitas das nações onde sofressem perseguições. Antes da existência da ICA, os mesmos banqueiros usavam seus capitais como meio de pressionar as autoridades a não perseguir judeus, método que fracassou na Rússia, quando o Czar em 1881 não aceitou os 50 milhões de francos de ajuda em troca de proteção dos judeus, motivando a fundação da entidade.
4. *Sefardim* - da palavra hebraica *sefarad* - Espanha. Os judeus originários da Espanha e Portugal, mais tarde espalhados por quase todos os países mediterrâneos.
5. A ICA tentaria reproduzir no Brasil uma experiência realizada com algum êxito também limitado na Argentina, onde um grupo se instalou na região de Santa Fé,

estabelecendo a Colônia de Moisesville. Outras colônias seriam depois criadas na mesma província de Santa Fé e nas províncias de Entre Rios, La Pampa e Buenos Aires, sempre antes da 1ª Guerra Mundial e sempre com o apoio de crédito e educação da Associação. Em 1930 já era de 20.000 o número de judeus encaminhados pela ICA à Argentina.

6. LEVENE, Ricardo. *Síntese da história da civilização argentina*. Rio de Janeiro, A Noite, 1938. 442 p.
7. Um dos irmãos Rosenmann faleceu de malária, contraída provavelmente na sua passagem pelo Porto de Santos.
8. O "*shabat*" é o dia de descanso, o 7º dia da semana, que se inicia no entardecer de sexta-feira; o "*seder*" é a cerimônia pascal dos judeus, em que se lembra a saída do Egito; o "*Yom Kipur*" é o dia da expiação e o "*Rosh Hashaná*" é a festa do ano novo.
9. *Brith milá* - do hebraico - *brith*, pacto, e *milá*, circuncisão. A origem desse ritual vem de Abraão que fez um pacto com Deus através da circuncisão. É um ato de iniciação à religião.
10. A primeira diretoria da União Israelita do Paraná era assim composta: Presidente: Max Rosenmann; Vice-Presidente: Bernardo Schulman; 1º Secretário: Júlio Stolzemberg; 2º Secretário: Miguel Flaks; Tesoureiro: Salomão Goldstein Paciornik; Conselho Fiscal: Samuel Bacaleinik, Moisés Schechtman e Salomão Charatz.
11. *Sefer Torá* - Rolo da Lei. É um pergaminho escrito a mão por escribas, onde estão contidos os cinco livros de Moisés, ou seja, o Pentateuco; *Aron Hakodesh* é a Arca Sagrada que contém os Rolos da Lei. Pode ser móvel ou fixa. *Bimah* é o púlpito de onde são conduzidos os ofícios religiosos. *Menorah* é o candelabro de sete braços, reminiscentes do primeiro e segundo Templo de Jerusalém. *Ner tamid* é a luz eterna que deve permanecer sempre acesa. *Parochet* é a cortina que cobre a Arca Sagrada. *Shofar* é feito de chifre de carneiro; é tocado durante as grandes festas judaicas.
12. Os movimentos sionistas, para a obtenção de um "Lar Judaico" ou um Estado judeu, intensificam-se em 1917 quando o governo britânico, através de declaração assinada pelo seu chanceler Arthur James Balfour (1848-1930), reconhece aos judeus o direito de estabelecerem um "lar nacional" na Palestina, desde que isso não acarretasse prejuízo às comunidades não-judaicas da região. Foi através dessa declaração que os britânicos conseguiram o mandato na Palestina com a legitimação da Liga das Nações.

Até então, a região estava sob seu poder ilegalmente, já que havia sido conquistada militarmente aos turcos.

13. PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. 15ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1972. 354 p.
14. PINKUSS, Frederico. O tricentenário da comunidade israelita dos Estados Unidos e suas relações com o Brasil. *Revista de História*, São Paulo, 14:477, abr./jun. 1953.
15. O Centro Mosaico voltou a ser denominado Centro Israelita do Paraná em 1955.

### **A construção da atual sede do CIP**

A história da construção da nova e atual sede do Centro Israelita do Paraná foi uma verdadeira batalha que se desenrolou por vários anos. Mais do que isso, foi um empreendimento heróico, que exigiu coragem, visão, inteligência e perseverança de todos os que se envolveram nessa empreitada. A história foi escrita por Luiz Mazer z”l e por Moyses Bronfman em um trabalho dedicado às comemorações do cinquentenário da primeira instituição israelita fundada em Curitiba.

A 15 de março de 1947, foi eleito Presidente do Centro Mosaico do Paraná, o Sr. Bernardino Schulmann, com uma diretoria integrada também por jovens, oriundos do Grêmio, inédito na época.

Têm início na sua gestão, os preliminares para a construção de uma nova sede, inclusive a arrecadação de fundos para tal fim. Em 1948, Bernardino Schulmann foi reeleito. Nesse ano, tendo sido proclamada a Independência do Estado de Israel, o Centro comemorou festivamente tão magno acontecimento, e o regozijo e o brilho dessas comemorações marcou época nos anais da história do Centro.

Um baile programado pelo Grêmio para 31 de dezembro de 1948, que coincidia ser numa sexta-feira, provocou uma reação de um grupo de sócios (não foram os ortodoxos nem os mais religiosos), que solicitou uma Assembleia Geral Extraordinária, para censurar a Diretoria do Centro por ter permitido a realização do referido baile.

Transcrevemos a seguir, um trecho de um artigo do Dr. Zalmen Chamecki em "O Macabeu" Nº 44, para que a atual geração tenha uma ideia de como ocorriam as Assembleias Gerais:

“Uma cadeira quebrada e jogada a um canto me transporta às inesquecíveis e inflamadas assembleias do Centro. Nada era aguardado com tamanha ansiedade como um convite para um Assembleia Geral Ordinária, Extraordinária ou Superordinária. Já se sabia que, nessas noites, o salão se transformaria num grande palco e aí se desenrolaria uma verdadeira peça teatral, com dezenas de atores representando os mais diferentes personagens. Ali se assistiria a discursos de todos os matizes, debates acalorados, discussões às vezes violentas, diretoria e oposição apaixonadas, tudo amalgamado numa tragicomédia, que cada um intimamente aplaudia com entusiasmo. De outra forma, não se poderia compreender a grande afluência... Certamente não era com a única intenção de ouvir os arrazoados, muitas vezes ininteligíveis...”

Realizada a Assembleia, a mesma não teve fim em virtude de tumultos havidos. A discussão foi tão violenta que o associado Miguel Schnirmann, inconformado por não conseguir que seu voto fosse aprovado, arrancou das mãos do Dr. Luiz Mazer, secretário da mesa, o livro de presença, rasgando-o.

Convém frisar que a atitude do Presidente Bernardino Schulmann, apoiando o Grêmio, foi muito importante para os jovens, que, se cometeram uma falha, foi totalmente involuntária. O baile foi programado em agosto, isto é, com quatro meses de antecedência, a orquestra já havia sido contratada, não havendo possibilidade de cancelamento.

Ouvido o Sr. Nathan Yalom, *schoichet* e líder religioso da comunidade, muito conceituado e estimado em Curitiba, declarou publicamente que o fato já havia ocorrido, recomendando apenas que se evitasse a repetição no futuro.

Devido a esse fato, na 1ª Assembleia Geral Ordinária realizada cerca de 30 dias após, a chapa oficial presidida por Bernardino Schulmann não conseguiu derrotar uma nova chapa, presidida por José Knopfholz, que eleito, permaneceu na Presidência do Centro por seis anos.

A 12 de março de 1949, foi eleito e empossado presidente o Sr. José Knopfholz. Permaneceu na Presidência até 1955, tendo sido reeleito cinco vezes consecutivas. Não tendo conseguido o apoio dos associados para a construção de uma nova sede, realizou uma reforma de vulto no antigo prédio da Rua Cruz Machado, possibilitando seu uso por mais dez anos.

Tentou o Sr. José Knopfholz, construir no local da sede, um edifício em condomínio, que possibilitaria, com a venda dos conjuntos, reservar espaço suficiente para uma ampla sinagoga, e ainda parte em dinheiro para aquisição de uma área para a construção da sede social e esportiva.

Essa proposta, apesar de brilhantemente defendida pelo dr. Henrique Knopfholz, em Assembleia Geral, não recebeu o apoio dos associados.

Essa Diretoria teve o mérito de adquirir, por subscrição dos sócios, uma chácara em Tomaz Coelho, distante quinze quilômetros de Curitiba. Por alguns anos, a chácara foi motivo de atração aos domingos, quando lá se reuniam os associados e familiares para a prática de esportes, churrasco, jogos, etc.

Durante os seis anos de gestão de José Knopfholz, estiveram na Vice-Presidência os srs. José Waldmann, Francisco Frischmann e Kurt Tockus, que muito cooperaram com o presidente e demais Diretores, em todas as suas realizações.

Pode se contar a história da coletividade israelita do Paraná em dois grandes períodos: o primeiro, de 1913 a 1955; e o segundo, de 1955 em diante.

O primeiro período conta a história dos judeus que imigraram e que aqui se instalaram. Tiveram um início difícil de adaptação de idioma, costumes, clima, etc. Apesar de todos os percalços, venceram. A coletividade cresceu, evoluiu econômica e culturalmente. Os filhos frequentaram escolas e até Universidade.

Em 1955, contavam-se às dezenas, médicos, engenheiros, advogados, dentistas, professores de nível universitário e secundário, destacados industriais e

comerciantes, homens dedicados a vida pública, etc., sendo todos filhos da primeira geração, nascidos no Brasil, tendo colaborado para o progresso do Paraná.

Em 1915, viviam pouco mais de vinte famílias israelitas em Curitiba; em 1930, 100 famílias; em 1940, 160 famílias; em 1950, 300 e em 1955 já ultrapassavam o número de 500 famílias. No interior do Paraná, somente Ponta Grossa possuía uma sociedade organizada, não possuindo, no entanto, mais de trinta famílias. Hoje, em Ponta Grossa, existem muito poucas famílias.

De 1935 para cá, a imigração europeia foi aumentando em progressão geométrica, atingindo o máximo entre 1945 e 1950. Eram imigrantes que conseguiram fugir da perseguição nazista, provenientes da Alemanha, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia e de outros países do Leste europeu.

Apesar dessa imigração, a coletividade israelita não era muito atuante. Com o advento do Estado de Israel, em 1948, animou-se um pouco mais a comunidade, mas ainda longe do desejado. A frequência à nossa sede vinha declinando. Nossos associados, principalmente os jovens, em grande número, eram vistos mais em outros clubes, compartilhando em suas realizações, principalmente esportivas. Faltava aos nossos, justamente uma sede social melhor e uma praça de esportes, algo que nós ainda não estávamos em condições de oferecer-lhes.

A frequência à sinagoga se limitava aos dias mais sagrados da tradição judaica. Aos sábados, reuniam-se somente os mais idosos e assim mesmo em pequeno número. Nos dias de semana, muitas vezes faltava gente para completar um "minian".

Essa era a situação da comunidade israelita do Paraná. Era preciso dar aos sócios motivação para frequentar a sede. Após muito trabalho e dedicação, reuniu-se um grupo de homens, com espírito de moços e "sangue novo", e os frutos se fizeram sentir à curto prazo. Em Assembleia Geral Ordinária, realizada em 22 de março de 1955, convocada para eleições, foram apresentadas duas chapas, tendo vencido a de Nº 2, que ficou assim composta:

Presidente - dr. Henrique Knopfholz

Vice-Presidente - dr. Noyses Bromfman

Primeiro-Secretário - dr. Luiz Mazer

Segundo-Secretário - sr. Jaime Aron Teig

Primeiro-Tesoureiro - sr. José Waldmann

Segundo-Tesoureiro - dr. Saul Raiz

Primeiro-Bibliotecário - sr. Salomão Jaskevich

Segundo-Bibliotecário - sr. Mauricio Fisbein

Diretor-Cultural - sr. Bernardo Gedanken

Orador - dr. Oscar Aisengart

Conselho Fiscal - srs. José Knopfholz, Kurt Tockus, Maurício Schaia, Francisco Frischmann e dr. Manoel Scliar.

Departamento Beneficente - Srs. Leão Knopfholz, Salomão Jaskevich, Max Waldmann, Saul Grupenmacher e José Orembuch.

Nessa ocasião, por completar 25 anos consecutivos no cargo de Bibliotecário do Centro Israelita, o Sr. Salomão Jaskevich é homenageado com o título de Sócio Honorário.

Dezenas de reuniões foram realizadas, para que se encontrasse uma fórmula mágica para interessar os sócios na aquisição de um terreno e posterior construção de uma nova sede social e esportiva.

Em gestões anteriores, houve várias tentativas e nenhuma teve sucesso. Agora, não poderia mais falhar. A nova Diretoria prometera e tinha que evitar mais um desapontamento aos associados, principalmente a juventude.

A fórmula mágica para conseguir os recursos financeiros surgiu brilhantemente da inteligência do professor Samuel Chamecki. Idealizou a transformação do Centro em sociedade por ações. Cada sócio deveria adquirir no mínimo uma ação no valor de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros), sem o que perderia o direito de sócio. Para viabilizar essa ideia, era preciso fazer novos Estatutos. A sugestão do dr. Chamecki, apresentada à Diretoria, foi aprovada por unanimidade e o sr. Presidente constituiu

uma comissão para elaborá-los, ficando assim constituída: professor Samuel Chamecki, dr. Luiz Mazer, sr. Marcos Axelrud, sr. Maurício Schaia e dr. Moyses Bromfman.

Convocada a Assembleia Geral Extraordinária, em várias sessões foram apresentados os estatutos e discutidos item por item. O relator foi o dr. Moyses Bromfman e o prof. Chamecki sustentou a defesa de sua proposição. A esse associado, a comunidade deve muito. Não foi fácil apresentar um projeto para uma assembleia muitas vezes hostil, nem tanto pela ideia, mas pelo dinheiro que teriam que desembolsar para a aquisição de uma ação.

Foi uma grande vitória da Diretoria e da própria coletividade, a quem se abriam esperanças para uma sede com espaço para atividades sociais, religiosas, culturais e esportivas.

Em apenas quatro meses de gestão, já estava toda a Diretoria e mais uma equipe de 33 associados voluntários a postos para vender as ações, que dariam os primeiros recursos para a aquisição inicialmente de um terreno.

Para satisfação da Diretoria presidida pelo dr. Henrique Knopfholz, quase todos os associados adquiriram ações, e aqueles que não estavam em condições financeiras, receberam-nas gratuitamente, gozando dos mesmos direitos dos demais acionistas.

Por mais de um ano, trabalhou-se todos os fins de semana, feriados e muitas noites para convencer os sócios. Faltava ainda a confiança que só foi sendo conquistada com muito trabalho, dedicação e seriedade.

Como a Diretoria não queria se envolver na aquisição do terreno, foi designada uma comissão para procurar e apresentar sugestões que seriam discutidas em Assembleia Geral.

A comissão escolhida era composta dos srs. Francisco Frischmann, prof. Samuel Chamecki, Isaac Guelmann, Maurício Schaia e Marcos Axelrud. Após algumas semanas de incessante procura, foram apresentadas à Assembleia Geral Extraordinária,

especialmente convocada para esse fim, algumas propostas, mas duas eram as preferidas pela comissão.

Nessa assembleia, realizada a 29 de novembro de 1955, o presidente da Comissão, prof. Samuel Chamecki, fez um minucioso relato, desenvolvido na busca das melhores áreas que poderiam atender as necessidades da comunidade.

Após acalorados debates, decidiu afinal a Assembleia pelo terreno da Rua Nilo Peçanha, por uma diferença de apenas três votos. Houve tumulto, alguns alegaram que três votos não era uma diferença significativa, mas o presidente, dr. Henrique Knopfholz conseguiu levar a sessão até o fim.

No dia 9 de dezembro de 1955, foi assinada a escritura de aquisição do sr. José Macedo Sobrinho, tendo assinado pelo Centro, o dr. Henrique Knopfholz como Presidente, sr. José Waldmann como Tesoureiro e sr. Francisco Frischmann como Conselheiro Fiscal.

Condições:

Preço - Cr\$ 1.800.000,00 (Um milhão e oitocentos mil cruzeiros)

Sinal de Negócio - Cr\$ 100.000,00

Em 90 dias - Cr\$ 400.000,00

26 prestações mensais de Cr\$ 50.000,00, com juros de 4% ao ano.

A rampa de acesso pela Mateus Leme ficou combinado que seria feita em 6 meses pelo vendedor.

O terreno tinha 7.200 metros quadrados e acessos pela Nilo Peçanha e Mateus Leme.

Faltavam agora recursos para o início das obras, mas foi constituída uma comissão técnica, sob a supervisão do professor Samuel Chamecki, que se compunha dos engenheiros Mechel Woller, Zalmen Chamecki, Saul Raiz, Moisés Kulisz, Maurício Schulmann, Germano Leão Paciornik e Leão Schulmann.

Essa comissão contratou os serviços profissionais do arquiteto Giacomo Carlo Clausi para elaborar o projeto da nova sede. Deu-se início também ao serviço de terraplanagem do terreno, que era muito acidentado, além da entrada pela Rua Nilo Peçanha. Depois da conclusão desses serviços, o passo seguinte seria a execução de um parque infantil, canchas de basquete e futebol de salão, e uma piscina infantil, obras prometidas pela Diretoria às crianças e a juventude, filhos de nossos associados.

Enquanto isso, a campanha de venda de ações continuava intensa, mas a entrada de recursos era pequena, em face dos enormes compromissos assumidos.

Aos 28 dias de abril de 1957, com a presença de Sua Excelência o embaixador de Israel, sr. Arie Aroch, de altas autoridades estaduais, do Senhor Prefeito Municipal, do professor Fritz Feigl, presidente da CERCIB (Confederação das Entidades Representativas das Comunidades Israelitas do Brasil), hoje Confederação Israelita do Brasil, e um número muito grande de associados, foi lançada a pedra fundamental da nova sede. Na ocasião, foi oferecido pelo Centro um churrasco a todos os presentes.

A presença do Sr. Arie Aroch, embaixador de Israel e do professor Fritz Feigl ensejou uma grande oportunidade: primeiro, de mostrar-lhes o anteprojeto da obra global, social, religiosa e esportiva; e depois, de, através deles, conseguir recursos externos. Houve promessas, e ambos se comprometeram a entrar em contato conosco.

As promessas foram cumpridas. O CIP recebeu do prof. Fritz Feigl uma carta recomendando que uma comissão do Centro estivesse presente à inauguração da Congregação Israelita de São Paulo. Ele estaria lá e nos apresentaria aos Diretores da "Claims Conference" que viriam para aquela solenidade.

A Claims Conference era uma entidade sediada em Nova York, encarregada de receber da Alemanha Ocidental recursos financeiros destinados a escolas, entidades religiosas e sociais que haviam acolhido judeus oriundos de países atingidos pelas atrocidades nazistas. Os drs. Henrique Knopfholz e Moyses Bromfman foram a São Paulo, para a inauguração da Congregação Israelita de São Paulo, e lá, apresentados que foram aos diretores da Claims Conference pelo prof. Fritz Feigl, marcaram um

encontro para o dia seguinte, no Hotel Jaraguá. Aproveitando a presença do Senhor Embaixador de Israel, solicitaram ao mesmo que interviesse junto ao dr. Israel Klabin para que os recebessem no Rio de Janeiro.

Para o encontro com os diretores da Claims Conference, Henrique e Moyses levaram todas as plantas da obra da nova sede. Estavam presentes os srs. Isaac Kleinblaum, Sidney Nelson e alguém cujo nome não conseguiram localizar.

A conversa não foi fácil. Argumentos para convencê-los, nossos representantes tinham de sobra. Depois de uma hora de negociação, eles solicitaram que fossem remetidos a Nova York um conjunto completo do projeto e um relatório do que foi exposto a eles.

Henrique e Moyses aproveitaram sua estada em São Paulo e conseguiram vender algumas ações a industriais patrícios que tinham ligações com comerciantes de Curitiba. Em seguida foram ao Rio. Lá se comunicaram com o Embaixador, que conseguiu marcar uma entrevista para o mesmo dia com o dr. Israel Klabin.

Recebidos pelo mesmo, foi explicado o objetivo da visita e o dr. Israel Klabin solicitou as plantas que tinham em mãos. Ao abri-las, assustou-se e perguntou se a nossa comunidade iria construir um outro Centro Cívico. Chamou seu irmão Samuel para mostrar as plantas. O que pleiteavam, Henrique e Moyses, era os azulejos para toda a obra, que ainda não estava iniciada. Após uma conversa amistosa, foi prometido que estudariam o assunto com o máximo carinho, e, em pouco tempo, o Centro teria uma resposta.

Dez dias após essa visita, um caminhão transportando 900 metros quadrados de azulejos, azuis e brancos, descarregava no terreno da nova sede. Foi o primeiro material de construção recebido para a obra propriamente dita. Aqui vão mais uma vez os agradecimentos do Centro, aos ilustres amigos da nossa comunidade, drs. Israel e Samuel Klabin.

A noite, os drs. Henrique e Moyses foram jantar na residência do casal prof. Fritz Feigl. O Presidente da CERCIB tornou-se um admirador e grande amigo da nossa

coletividade. Fez de tudo para nos ajudar e a ele devemos uma enorme parcela do êxito obtido na construção da atual sede. A esposa do prof. Fritz Feigl, dra. Regina Feigl, era na época a maior construtora do Rio de Janeiro. Quando lá estiveram Henrique e Moyses, ela estava construindo o Edifício Avenida, na Av. Rio Branco, o maior do Rio de Janeiro, de sua propriedade.

Durante o jantar, incentivada pelo marido, a dra. Regina Feigl interessou-se pela construção, abrindo uma boa oportunidade para que os seus convidados explicitassem todos os problemas, acrescidos agora com o financeiro, devido ao início de toda a infraestrutura da obra. Tendo a dra. Regina perguntado por quanto tempo se estenderia a construção, os nossos representantes declararam que, dependendo dos recursos financeiros, a previsão era de 4 a 5 anos. Num gesto que deixou os seus convidados emocionados, dra. Regina prometeu (e cumpriu) que mandaria ao Centro Israelita do Paraná, Cr\$ 5.000,00 mensais durante o período da construção.

Na gestão dessa Diretoria, o patrimônio da coletividade foi enriquecido com a doação à Sociedade Cemitério Israelita (*Chevra Kadisha*), pela sra. Anna Frischmann, de uma área de 7.000 metros quadrados, no bairro de Santa Cândida, nesta Capital. Esta doação trouxe grande júbilo ao *ishuv*, pois, nessa época, já preocupava os Diretores da Chevra Kadisha, a previsão de falta, para dentro de alguns anos, de um local adequado e próximo para instalar um segundo cemitério, quando o primeiro, da Água Verde, estivesse com sua área totalmente ocupada.

Essa doação espontânea da sra. Anna Frischmann resolveu um problema que poderia se tornar grave, no futuro. A Diretoria da Chevra Kadischa, devido a esse gesto nobre e dignificante da doadora, resolveu, como justa homenagem, denominar a rua central da entrada do novo cemitério de "Anna Frischmann".

Para encerrar a descrição do trabalho fecundo da gestão da Diretoria presidida pelo dr. Henrique Knopfholz, devemos acrescentar que, embora todos os Diretores tenham se dedicado à venda de ações e à construção da praça de esportes, planos, terraplanagem, e etc., sem distinção de cargos, o Departamento Cultural esteve

bastante ativo, sendo ponto alto de seu trabalho, a apresentação, no Teatro Guaíra, do pianista Bar-Ilan e do Grupo Oranin, de Israel.

A 31 de março de 1958, foi eleita a nova Diretoria, presidida pelo dr. Moyses Bromfman, que ficou assim composta:

Presidente – dr. Moyses Bromfman

Vice-Presidente - dr. Henrique Knopfholz

1º Secretário – dr. Luiz Mazer

2º Secretário – dr. Zalmen Chamecki

1º. Tesoureiro – sr. Oskar Kaufmann

2º Tesoureiro – sr. Isaac Slud

Diretor de Patrimônio - sr. Maurício Schaia

Diretoria Cultural - sr. Salomão Jaskevich, dr. Mechel Woller, dr. Jacob Jompolski

Departamento Religioso - sr. Kurt Tockus

Conselho Fiscal: sr. Francisco Frischmann, sr. Abram Chamecki, sr. José Waldmann, dr.

Moyes Glock, sr. Jaime Aron Teig

Bibliotecário - sr. Salomão Morgenstern

Assumindo, o Presidente agradeceu à Assembleia a confiança por lhe entregar a direção do Centro Israelita, mas disse estar tranquilo e seguro, porque contava com toda a equipe que já vinha trabalhando nas gestões anteriores. Afirmou que os objetivos continuavam os mesmos e sua determinação seria entregar, até o final de sua gestão, para o uso dos associados, a parte térrea da sede, conforme as plantas que eram do conhecimento de todos os presentes.

Os trabalhos continuaram sem esmorecimento. Foram acionadas a CERCIB e a B'nai B'rith do Brasil para que trabalhassem junto a Claims Conference em Nova York, para conseguir o auxílio pleiteado.

A venda de ações tinha atingido a expressiva soma de Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros), mas era insuficiente para os projetos que havia pela frente. Projetos aprovados, a comissão técnica iniciou as contratações do cálculo estrutural,

projeto elétrico e hidráulico, além de solucionar o problema do abastecimento de água para a sede e futura piscina para adultos, constante no Projeto.

Após um estudo apresentado pelo geólogo prof. Mack, que garantiu haver água no terreno, decidiu-se contratar o engenheiro Leone Chamecki para realizar as perfurações nos locais indicados pelo prof. Mack. Acertado com o dr. Leone Chamecki, foram por ele feitas todas as tentativas, que infelizmente não surtiram resultado satisfatório. As perfurações feitas não compensaram a despesa, pela fraca vazão de água. Falharam o prof. Mack e o Centro, que sonhava com um poço artesiano.

Em julho de 1958, receberam a primeira visita dos senhores dr. Isaac Kleinbaum e Sidney Nelson, diretores da Claims Conference, que vieram estudar e discutir com a Diretoria do Centro, o auxílio solicitado. Foram reuniões muito proveitosas. Solicitaram mais dados técnicos, mas deixaram a Diretoria com esperança, em face da boa impressão que levaram da nossa gente.

Tendo falecido o arquiteto Giacomo Clausi, o Centro contratou o arquiteto Yehuda Saghy, e, de comum acordo com a Comissão Técnica, modificou o projeto, tornando-o mais viável.

O interesse pela construção era muito grande. Tinham acabado de pagar o terreno, mas faltavam recursos para o início da obra. Eis que surge um grupo de homens decididos e lançam uma nova campanha para angariar fundos. A comissão organizada era composta de Marcos Axelrud, Isaac Guelmann, Siegfried Antmann, Afonso Heller e Maurício Popower.

A doação espontânea do sócio era de Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros). Sabem quantos aderiram? 90 associados. O júbilo foi total. A comissão recebeu as merecidas homenagens do Centro, e a obra teve início. Nessa ocasião, esses sócios receberam o Diploma de Sócio Benemérito.

Em outubro de 1958, o Centro contrata a firma Aranha S/A, para a estrutura de concreto, pelo preço variável de Cr\$ 2.800.000,00 e Cr\$ 3.000.000,00, pagáveis Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros) mensais.

Iniciou-se o estaqueamento e o associado começa a acompanhar o andamento da obra. O Centro aciona mais uma vez a CERCIB e a B'nai B'rith para que intercedam junto a Claims Conference, além de ser enviada uma carta do Centro, muito bem redigida, pela sra. Beatriz Paciornik, diretamente a Nova York.

E a resposta veio em dezembro de 1958. A Claims Conference resolveu conceder Cr\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros), em duas cotas anuais. Em janeiro de 1959, esteve em visita de fiscalização, o dr. Isaac Kleinbaum. Disse que logo estariam recebendo a 1ª parcela e, tornando-se nosso amigo, recomendou que preparássemos um novo pedido para 1961.

As visitas do dr. Kleinbaum eram frequentes e ele as fazia com satisfação, sendo sempre muito bem acolhido pelo Centro.

Solicitou à Diretoria do Centro e à Comissão, um novo levantamento de custos da obra, dividido em duas fases:

1ª fase: Salão com palco, salas de reunião, restaurante e cozinha, sanitários e vestiários.

2ª fase: Sinagoga, biblioteca e discoteca, piscina para adultos e ginásio coberto.

Os Diretores sabiam que era uma utopia, mas o projeto previa tudo isso. O orçamento da Comissão era de Cr\$ 20.000.000,00 (Vinte milhões de cruzeiros). Viviam-se uma época inflacionária e qualquer previsão era desfeita em pouco tempo.

A entrada de recursos pela venda de ações e os sócios beneméritos não falharam, mas era lenta, e eles tinham pressa. A obra não sofreu nenhuma paralisação. Mais ações foram vendidas a sócios que as compravam "espontaneamente", para ajudar na construção. A cooperação foi extraordinária.

Ocorreu durante a gestão do dr. Moyses Bromfman, um dos fatos mais significativos na história da coletividade israelita do Paraná, que repercutiu intensamente, não só no Brasil como no Exterior.

Precisamente a 1º de maio de 1959, em Convenção na B'nai B'rith local, o Sr. Francisco Frischmann, em seu nome pessoal e de sua família, propõe-se a construir e doar uma moderna Sinagoga para o *ishuv* do Paraná. E, a 29 de junho de 1959, em memorável Assembleia Geral Extraordinária, realizada no Centro Israelita do Paraná, os associados aprovaram a cessão do terreno da Rua Cruz Machado, para nele ser construída a Sinagoga Francisco Frischmann. Na mesma noite, o sr. Francisco Frischmann recebeu, com justiça, o título de Sócio Honorário.

A 29 de dezembro do mesmo ano, foi lançada a pedra fundamental, com a presença honrosa do rabino Baruch Rabinovich, das mais gradas autoridades civis, militares, religiosas, e de grande parte do *ishuv* curitibano. Além do rabino e do doador, sr. Francisco Frischmann, usou da palavra o Presidente do Centro Israelita do Paraná, que disse estar duplamente feliz, por ser coincidentemente, o Presidente do CIP e membro da família doadora. A construção foi entregue à Construtora Sion, sob a responsabilidade do dr. Henrique Knopfholz.

Essa doação à comunidade foi, para a época, de importância fundamental, pelos seguintes motivos: a localização da sinagoga no centro da cidade, facilitaria muito a frequência dos religiosos no dia-a-dia; o alívio financeiro para o Centro e maior rapidez na conclusão da Sinagoga, que, segundo o sr. Frischmann, estaria prevista para 1961.

Como na gestão anterior, o Departamento Cultural, apesar de dedicar grande parte de suas atividades para a construção da sede, promoveu a vinda do senador Apolônio Salles, que proferiu inesquecível conferência na Reitoria da Universidade Federal do Paraná; promoveu a Exposição Peter Scheier sobre "Motivos de Israel", durante o Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Curitiba; algumas conferências brilhantes como as dos professores Dante Costa e Israel Drapkin e da saudosa Irmã Maurita, do Sion, sobre o antissemitismo.

Com a autorização dada em Assembleia, realizada a 31 de março de 1959, a chácara de Tomaz Coelho é vendida por Cr\$ 300.000,00 (Trezentos mil cruzeiros). O recebimento seria parcelado.

Em seguida, foi recebida, com muita festa, a primeira parcela da Claims Conference, no valor de Cr\$ 750.000,00 (Setecentos e cinquenta mil cruzeiros), que os encorajou a assumir mais compromissos.

No último dia da gestão dessa Diretoria, o presidente Moyses Bromfman fez a entrega aos associados, em clima de muito júbilo, do salão térreo, que compreendia restaurante, cozinha, sanitários, salão de jogos e sala para conferência.

No mesmo dia, 31 de julho de 1960, era eleita e empossada a nova Diretoria, encabeçada novamente pelo dinâmico engenheiro dr. Henrique Knopfholz, ficando sua Diretoria assim constituída:

Presidente - dr. Henrique Knopfholz

Vice-Presidente - sr. Marcos Axelrud

1º Secretário - dr. Luiz Mazer

2º Secretário - sr. Maurício Fisbein

1º Tesoureiro - sr. Siegfried Antmann

2º Tesoureiro - sr. Isaac Slud

Diretor de Patrimônio - dr. Moyses Bromfman

Conselho Fiscal - srs. Francisco Frischmann, Maurício Popower, Jaime Aron Teig, Abram Chamecki e Oskar Kaufmann

Entregou-se novamente à luta essa Diretoria, com o mesmo entusiasmo. A disposição era a entrega da sede e da piscina de adultos, até o final da gestão.

Foram acertados contratos com a Esmara S/A para cobertura, com a Kompatscher e Cia. para instalação hidráulica, com a Vega e Cia. para fornecimento do material para cobertura do salão de festas. Estes três contratos excediam a Cr\$ 1.000.000,00 (Um milhão de cruzeiros).

Surgem dois fatos novos: o Sr. Maurício Popower, sócio respeitado e muito devotado ao Centro, integrado plenamente à construção, assume, com Siegfried Antmann, Marcos Axelrud e Afonso Heller, um compromisso para construir a piscina de adultos recorrendo aos associados, que, espontaneamente, se dispuseram a

contribuir; Marcos Axelrud e Siegfried Antmann negociam um empréstimo no valor de Cr\$ 5.000.000,00 (Cinco milhões de cruzeiros), junto ao Banco Mercantil e Industrial do Paraná (hoje Bamerindus).

As duas iniciativas têm êxito total. Maurício Popower inicia com sucesso sua campanha. Marcos Axelrud e Siegfried Antmann, bons negociadores, concluem a operação com o Banco, nas seguintes condições:

- a) Empréstimo de Cr\$ 5.000.000,00 (Cinco milhões de cruzeiros) com a aprovação de uma Assembleia Geral Extraordinária;
- b) Garantia - 5 notas promissórias no valor de Cr\$ 1.000.000,00 (Um milhão de cruzeiros) cada, com aval da Diretoria;

Assinaram não só os Diretores, como alguns voluntários, conforme segue abaixo:

Henrique Knopfholz, Marcos Axelrud, Luiz Mazer, Maurício Fisbein, Moyses Bromfman, Siegfried Antmann, Isaac Slud, Kurt Tockus, Mechel Woller, Jacob Jompolski, Oskar Kaufmann, Isaac Guelmann, José Knopfholz, Leão Knopfholz, Moyses Paciornik, Salmo Paciornik e Germano Leão Paciornik.

- c) Condições de pagamento: o empréstimo seria pago em parcelas mensais de Cr\$ 100.000,00 (Cem mil cruzeiros), com carência de 6 meses, juros de 1% (um) ao mês, e 6% (seis) de taxa anual, como despesas.

Em face dos bons resultados, foi enviada uma carta do Centro, agradecendo ao sr. Avelino Vieira, presidente do Banco Mercantil e Industrial do Paraná.

Antes da entrega final da obra, o dr. Henrique Knopfholz, mostrando-se bom humorista, agradecia a todos os companheiros pelo excelente trabalho por eles desenvolvido. Referindo-se a Marcos Axelrud, em tom de blague, disse: "Ele nos ensinou como conseguir dinheiro e hoje o Centro deve em todos os bancos de Curitiba".

Por motivo de viagem, solicitou demissão o arquiteto Yehuda Saghy, e, em seu lugar, foi contratado o engenheiro Segismundo Morgenstern.

O Centro adquiriu duas áreas contíguas ao terreno. Uma com frente para a Rua Nilo Peçanha (onde hoje está a escola), e outra sem frente para a rua.

Com a entrada de recursos do Banco Mercantil e da campanha promovida pelo sr. Maurício Popower para a piscina, as obras adquirem um ritmo acelerado, prevendo-se já a inauguração da sede concluída para meados de 1962.

Coube a honra ao dr. Henrique Knopfholz inaugurar, em sua gestão, a Sinagoga Francisco Frischmann. Foi uma obra moderna, ampla, bonita, comportando confortavelmente 750 pessoas.

A cerimônia de inauguração, ocorrida em 1º de julho de 1961, com a presença do senhor governador do Estado, Ney Braga, do Senhor Comandante da 5ª Região Militar, do Presidente do Tribunal de Justiça, do Presidente da Assembleia Legislativa, do Arcebispo Metropolitano e muitos convidados de outros Estados, Teve como celebrante o rabino Mendel Diesendruck. Presente toda a comunidade, foi uma festa que marcou época.

O Centro recebe então uma carta da Claims Conference, comunicando um auxílio suplementar à obra, no valor de Cr\$ 1.000.000,00 (Um milhão de cruzeiros).

Com mais esses recursos, aceleram-se as obras da nova sede, prevendo-se sua inauguração para o primeiro semestre de 1962.

A Diretoria do CIP designou uma comissão para organizar os festejos de inauguração, composta pelos srs. Luiz Mazer, Kurt Tockus, Mechel Woller e Moyses Bromfman.

Essa comissão teve quatro meses para preparar o programa de inauguração, que ficou assim definido.

Dia 29/06/62 - Cerimônia religiosa na Sinagoga Francisco Frischmann.

Dia 30/06/62 - As 20:30 horas - Descerramento da placa alusiva, pelo sócio fundador e Presidente em 1928/9, sr. Júlio Stolzemberg; corte da fita na entrada do salão pelos srs. Isaac Kleinbaum e Tofic Nigri; em seguida coquetel, oradores, um grande baile e excelente show artístico.

Dia 01/07/62 - Competições esportivas, com a presença de delegações de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Dia 03/07/62 - Palestra do deputado Afonso Arinos Filho sobre o assunto "O Estado de Israel".

Dia 05/07/62 - Noite do folclore com a participação das representações gaúcha, portuguesa, espanhola e israelense.

Dia 08/07/62 - Inauguração da Galeria dos Ex-Presidentes, jantar comemorativo e apresentação do coral do Colégio Estadual do Paraná, sob a regência do maestro Mário Garau.

Compareceram, como convidados, os srs. Tofic Nigri, Presidente da CERCIB, Isaac Kleinbaum, Diretor da Claims Conference, Haroldi Trobe, representante da Haia, Isaac Fischer, presidente de A Hebraica de São Paulo, Rubens Frug, diretor de A Hebraica de São Paulo, Samuel Back, presidente do Clube Macabi de São Paulo, Marcos Arbaitmann, diretor do Clube Macabi de São Paulo que dirigia o grupo de jovens esportistas do Macabi, Bernardo Hutz, presidente do Círculo Israelita de Porto Alegre, Justinus Einstoss, presidente da Associação Israelita de Belo Horizonte, Emílio Wagner, presidente do Centro Israelita de Ponta Grossa e centenas de associados.

Usaram da palavra o presidente, dr. Henrique Knopffholz, o dr. Oscar Aisengart, em nome dos sócios do CIP, o dr. Tofic Nigri, em nome da Cercib, e o dr. Isaac Fischer em nome de todas as delegações presentes.

Todos os festejos foram presenciados por toda a nossa coletividade, que prestigiou maciçamente as solenidades com o maior interesse.

Terminada a festa, a Diretoria encerrou as atividades de sua gestão, e foi eleita uma nova Diretoria, com o sr. Isaac Guelmann na Presidência, e que ficou assim constituída:

Presidente - sr. Isaac Guelmann

Vice-Presidentes - sr. Siegfried Antmann e sr. Symcha Aizental

Secretários - sr. Manoel Rosenmann e sr. Bernardo Troib

Tesoureiros - sr. Sania Warshawiak e sr. Francisco Kornin

Departamento Cultural - sr. Salomão Jaskevich, dr. Jacob Jompolski, dr. Mechel Woller

Diretor de Patrimônio - sr. Henrique Leibholz

Conselho Fiscal - dr. Henrique Knopfholz, sr. Isaac Slud, dr. Luiz Mazer, sr. Marcos Axelrud e dr. Moyses Bromfman.

Nessa Assembleia Geral Ordinária, o Centro concedeu Títulos de Sócios Honorários aos srs. Henrique Knopfholz, Maurício Popower, Siegfried Antmann, Moyses Bromfman e Isaac Guelmann.

Brilhante gestão realiza o presidente Isaac Guelmann. Adquiriu os móveis, cortinas e tapetes para a sede social. Fez asfaltar os pátios de estacionamento e concluiu o revestimento das fachadas com pastilhas. Ao término de seu mandato, as dívidas bancárias estavam praticamente em dia.

No seu mandato, realizou-se a comemoração dos 50 anos de fundação da 1ª. Sociedade Israelita do Paraná.

No salão do CIP, com a presença de um grande número de associados, foi procedida a abertura solene das festividades do Jubileu de Ouro. A mesa que a presidiu contou com o prestígio de altas autoridades, destacando-se a presença dos excelentíssimos senhores Arie Elschel, embaixador de Israel no Brasil, o governador Ney Braga e do rabino Henrique Lemle, do Rio de Janeiro.

Falando em nome do Centro Israelita do Paraná, o sr. Henrique Knopfholz discorreu sobre a coletividade, fazendo um resumo desses cinquenta anos de profícuas

lutas e realizações. Em seguida, discursou o rabino Henrique Lemle, que teceu palavras elogiosas ao *ishuv*, confraternizando-se com o cinquentenário.

O sr. Arieh Eshel cumprimentou a coletividade israelita e manifestou sua admiração pelo Paraná, considerando-o como um dos mais ativos e prósperos Estados do Brasil. Prosseguindo, acentuou que esse progresso era devido à grande capacidade de trabalho do povo paranaense.

Dizendo dos laços de amizade e das afinidades que unem o povo brasileiro à Pátria Milenar, o governador Ney Braga agradeceu as palavras elogiosas atribuídas a seu Estado, acrescentando que isso só foi conseguido graças ao esforço comum de todos os paranaenses, do qual participa também a coletividade Israelita do Paraná. Finalizou dizendo que, em seu nome e de seu Estado, manifestava suas felicitações pelo cinquentenário da operosa sociedade israelita do Paraná.

Coube a palavra final ao sr. Isaac Guelmann, presidente do CIP, que agradeceu a presença das delegações visitantes e que esperava que essa festividade fosse o marco inicial de outras dentro do nosso *ishuv*.

### **Cronologia histórica da comunidade israelita de Curitiba**

**1889** – José Flaks, primeiro judeu imigrante chega a Curitiba com a esposa e dois filhos menores. No mesmo ano, poucos meses depois chegam Max Rosenmann e seus irmãos.

**1900** – Nasce em Curitiba a menina Bluma, a primeira israelita natural do Paraná. Bluma foi esposa do Sr. Germano Weniger e mãe dos doutores José e Noêmio Weniger.

**1901** – A família Flaks retorna à Europa ficando aqui somente a família Rosenmann.

**1902** – A imigração é retomada chegando aqui os Wagner, Lewgoy, Friedmann, Mandelmann, Charatz, Goldstein, Paciornik, Schulman, Aisenman, Salomão Kaufman, Samuel Benhaim, Júlio Stolzenberg, Luis Fainowitz e outros.

**1913** – Fundação, em 27 de julho, da União Israelita do Paraná, primeira entidade judaica oficialmente constituída. A ata da assembleia foi assinada por Júlio Stolzemberg, secretário e Max Rosenmann, presidente. A comunidade já contava com 50 famílias e foi criada a primeira biblioteca e realizada a primeira tarde lítero-musical. Com canções e declamação de poemas em iídiche.

A segunda assembleia da União Israelita (dia 3 de agosto de 1913) contou com a presença de 27 associados fundadores. Foi estipulada uma mensalidade de 5\$000 (cinco mil réis).

Na terceira assembleia (21 de setembro), foi feita uma subscrição que arrecadou 495\$000 para a aquisição do primeiro *Sefer Torá* de Curitiba. Alugou-se uma casa na Rua Graciosa (atual Avenida Cândido de Abreu, em frente à empresa Mueller & Irmãos) para instalar ali a sinagoga.

**1914** - Inaugurada a sede da União Israelita do Paraná, em imóvel alugado na Rua Cruz Machado, 45.

**1915** – Primeira crise financeira da então jovem instituição devido ao cessar da imigração por causa do início da Primeira Guerra Mundial.

Mudança da sede para uma pequena sala na residência do Sr. Nathan Paciornik, numa rua afastada do centro da cidade.

**1916** – Instituído o Comitê de Socorro integrado por Max Rosenmann, Bernardo Schulman, Frederico Flaks e Salomão Guelmann, em prol das vítimas da Primeira Guerra Mundial.

**1917** - É formada a primeira organização sionista do Paraná, em Curitiba: a Shelom Sion.

Criado também um comitê beneficente feminino para tratar de casos locais de assistência aos necessitados. Mais tarde foi convertida em Sociedade Beneficente Feminina independente, da qual fizeram parte inicialmente Frida Rosenmann, Lúcia Rosenmann e Azalea Schulman.

**1920** – Surge, em 1º de agosto, o Centro Israelita do Paraná (CIP), resultante da fusão de várias instituições — a União Israelita do Paraná, a Sociedade Beneficente Feminina (o antigo Comitê Feminino) e a Shelom Sion.

Repetindo o que ocorre em outras capitais brasileiras cresce bastante a comunidade israelita. Curitiba, a coletividade aumenta em quantidade e qualidade.

Em 24 de outubro do mesmo ano são aprovados os primeiros estatutos do CIP.

**1922** – Salomão Guelmann é eleito presidente do Centro Israelita do Paraná. Na gestão de Guelmann, foi adquirido o terreno na Rua Cruz Machado, onde mais tarde foi erguida primeiro a sede do CIP e anos depois a Sinagoga Francisco Frischmann.

**1923** – É encenada a opereta histórica “Bar Kochba”, de Goldfaden, que obtém enorme sucesso e é reapresentada ao público não judaico. Com a direção de José Schraiber e a regência musical do maestro Leo Kessler, e com a participação ativa de José Schaia, o teatro ídiche começa a ganhar espaço na atividade cultural da comunidade.

Nesse mesmo ano Curitiba recebe o título de “Jerusalém do Brasil”, juntamente com Natal, no Norte, pelos motivos de que seus habitantes judeus serem sionistas e hebraístas. Curitiba ganhou o cognome também por sua hospitalidade e generosidade em atender as solicitações de caráter judaico ou simplesmente humanitário.

**1925** - Têm início as aulas da primeira escola israelita de Curitiba, na primeira sede do CIP, com um professor enviado pela ICA. A experiência durou apenas seis meses e as aulas só foram retomadas em 1927, com a chegada de um casal de professores e em um espaço próprio.

**1926** - Começa a funcionar o mais antigo cemitério da Comunidade, o da Água Verde, depois que Salomão Guelmann consegue convencer o bispo de Curitiba, João Francisco Braga e o Prefeito da época, da necessidade de um cemitério exclusivamente judaico. Anteriormente, os judeus eram enterrados no Cemitério Municipal.

**1928** – Sob a presidência de Júlio Stolzenberg tem início a construção da sede social do Centro Israelita do Paraná na Rua Cruz Machado, 126.

**1929** - Em 6 de abril é inaugurada pelo presidente Júlio Stolzenberg a sede do CIP construída na Rua Cruz Machado, tendo como presidente honorário Max Rosenmann, vice-presidente Nathan Paciornik e secretário geral Bernardo Schulman. Com a construção da nova sede, a vida social da comunidade teve grande impulso. Ali funcionaram a sinagoga, a sede social para bailes, casamentos, comemorações, atividades culturais, cívicas e esportivas, e também uma biblioteca. A sede serviu a comunidade até 1960, quando foi demolida para a construção da nova sinagoga, construída e doada pela família Frischmann

**1935** – A escola passa a denominar-se Escola Israelita Brasileira “Salomão Guelmann”, em retribuição ao homem que doou seu novo prédio, na Rua Lourenço Pinto, e passou a ser uma instituição oficializada que, em convênio com o Estado, aceitava também a matrícula de alunos não judeus.

**1938-1945** – O período marca uma alteração radical na vida judaica local. De um lado, nota-se considerável prosperidade econômica, com o estabelecimento de empresas comerciais, indústrias e a nova geração começa a ocupar lugares nas profissões liberais, como professores universitários, dentistas, engenheiros, como os professores Manoel Beiguelman e Samuel Chamecki. Por outro lado, no campo das atividades judaicas nacionais e, culturais e sociais, a decadência é patente, em virtude das leis de nacionalização do novo regime do país, quando o Centro israelita do Paraná é obrigado a mudar seu nome para Centro Mosaico, a fim de salientar o caráter exclusivamente religioso da instituição. Além disso, a Segunda Guerra Mundial, no plano externo e no plano interno, os veteranos da comunidade envelheceram e não chegam novos elementos porque o Governo de Getúlio Vargas impede a entrada de imigrantes judeus.

**1940** – Manoel Scliar é eleito presidente do Centro Israelita do Paraná. Ele pagou uma grande hipoteca que pesava sobre o CIP emitindo 300 títulos a 100 mil réis cada um, evitando assim que a coletividade perdesse a única sede que possuía.

**1945-1953** – Período de melhoria na comunidade. O País retomara o regime constitucional, as liberdades dos grupos étnicos foram ampliadas, e com o fim da Segunda Guerra Mundial, as alterações políticas refletem na vida nacional. O sionismo renova suas atividades quando a ONU votou em 1947 a Partilha da Palestina abrindo as portas para a Independência de Israel.

**1947** – Bernardino Schulman é eleito presidente do CIP em 15 de março, e assume com uma diretoria interada também por jovens oriundos do Grêmio, inédito na época. Iniciam as preliminares para a construção de uma nova sede.

**1948** – Bernardino Schulman é reeleito presidente do CIP. Nesse ano foi proclamada a Independência de Israel. O CIP comemorou festivamente o acontecimento.

Um baile do Grêmio programado para o dia 31 de dezembro daquele ano, que coincidentemente caiu numa sexta-feira, causou reação de um grupo de sócios, que sem serem ortodoxos, nem, muito religiosos, solicitou uma Assembleia Geral Extraordinária para censurar a diretoria do Centro por ter permitido a realização do baile. A assembleia foi muito violenta e marcou a história do CIP com o livro de presença sendo rasgado pelo associado Miguel Schnirmann e troca de destemperos verbais. A palavra pacificadora veio por intermédio do Sr. Yalom, *schochet* e líder religioso da comunidade, muito estimado em Curitiba. Ele declarou publicamente que o fato já havia ocorrido, recomendando apenas que se evitasse a repetição no futuro.

**1949** – Em 12 de março é eleito presidente do CIP José Knopfholz, que foi reeleito cinco vezes e permaneceu à frente do Centro até 1955. Ele realizou uma reforma de vulto no antigo prédio da Rua Cruz Machado, possibilitando seu uso por mais 10 anos. Inicialmente tentou construir no local da antiga sede um edifício em condomínio, que permitiria, com a venda dos conjuntos, reservar espaço suficiente para uma ampla sinagoga e ainda obter dinheiro para a aquisição de uma área para a construção de uma nova sede social e esportiva. A proposta, entretanto, não recebeu o apoio dos associados.

**1953** – Publicação do livreto “Léxico”, Crônica de Curitiba, de Bernardo Schulman, em ídiche em português, em 1953, pela Casa Monte Scopus, do Rio de Janeiro.

**1955** – Nesse ano contavam-se já às dezenas, na comunidade, os médicos, engenheiros, advogados, dentistas, professores de nível universitário e secundário, destacados industriais e comerciantes, e homens dedicados à vida pública. Todos, filhos da primeira geração, nascidos no Brasil e que colaboraram para o progresso e o desenvolvimento do Paraná.

Ainda nesse ano, em 22 de março de 1955, é eleita a nova diretoria comandada por Henrique Knopfholz, tendo como vice-presidente Moyses Bronfman e como primeiro-secretário Luiz Mazer. O Sr. Salomão Jaskevich é homenageado com o título de Sócio Honorário por completar 25 consecutivos como bibliotecário do CIP.

Com a ajuda do professor Samuel Chamecki essa gestão idealizou a transformação do CIP em sociedade por ações e cada sócio deveria adquirir no mínimo uma ação no valor de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros), sem o que perderia o direito de sócio. Foram feitos novos estatutos e várias sessões de uma assembléia geral extraordinária para a discussão aprovação dos estatutos e dos planos para a construção de um novo Centro israelita do Paraná. Em apenas quatro meses, toda a diretoria e mais uma equipe de 33 associados voluntários estavam a postos para a venda das ações. Quase todos os associados adquiriram as ações. Os que não tinham condições financeiras, receberam-nas gratuitamente, e usufruindo os mesmos direitos que os demais acionistas.

Em 9 de dezembro daquele mesmo ano foi assinada a escritura de aquisição do terreno do atual CIP, do Sr. José Macedo Sobrinho, tendo assinado pelo Centro Henrique Knopfholz, como presidente; José Waldmann como tesoureiro e Francisco Frischmann como conselheiro fiscal, pelo preço de Cr\$ 1.800.000,00 (um milhão e oitocentos mil cruzeiros), Sinal do negócio Cr\$ 100.000,00, em 90 dias mais Cr\$ 400.000,00 e 26 prestações mensais de Cr\$ 50.000,00 com juros de 4% ao ano.

**1957** – Lançada a pedra fundamental da nova sede do CIP, na presença do Embaixador de Israel, Arie Aroch, do professor Fritz Feigl, presidente da CERCIB (Confederação das Entidades Representativas das Comunidades Israelitas do Brasil), hoje Confederação Israelita do Brasil (CONIB).

Henrique Knopfholz e Moyses Bronfman viajam a São Paulo para contatos com a Claims Conference, instituição sediada em Nova York, EUA, encarregada de receber da Alemanha Ocidental recursos financeiros destinados a escolas, entidades religiosas e sociais que acolheram judeus oriundos de países atingidos pelas atrocidades nazistas, com o intuito de obter recursos para a construção da nova sede. Viajam, também ao Rio de Janeiro, onde se entrevistam com Israel Klabin, e dele obtêm 900 metros quadrados de azulejos para a sede.

Da esposa do Fritz Feigl, Regina, dona da maior construtora da época, no Rio e em São Paulo, promete (e cumpre) enviar ao Centro Israelita do Paraná Cr\$ 5.000,00 mensais ao longo de todo o período da construção.

Nesse mesmo ano a Sra. Anna Frischmann faz a doação de uma área de 7.000 metros quadrados no bairro Santa Cândida, resolvendo outra preocupação dos diretores que era a iminência da falta de vagas no cemitério Israelita da Águia verde, ensejando assim a construção do segundo cemitério judaico na Santa Cândida.

**1958** – Em 31 de março é eleito presidente do CIP Moyses Bronfman, tendo como vice Henrique Knopfholz, 1º secretário Luiz Mazer e 2º secretário Zalmen Chamecki. Têm início as obras no novo CIP.

**1959** – Em janeiro a comunidade recebe a visita de Isaac Kleinbaum, diretor da Claims Conference, dos EUA, para inspecionar o andamento das obras. Ele anuncia a remessa da primeira parcela de recursos destinados às obras e propõe novo pedido para 1961. Solicita também novo levantamento das necessidades e custo da obra dividida em duas fases: 1) Salão com palco, salas de reuniões, restaurante e cozinha, sanitários e vestiários; 2) Sinagoga, biblioteca e discoteca, piscina para adultos e ginásio coberto. O orçamento previsto chegava a Cr\$ 20.000.000,00 (Vinte milhões de cruzeiros), impressionantes, mas numa época inflacionária a previsão era desfeita em pouco tempo.

O Sr. Francisco Frischmann, durante convenção da B'nai B'rith em Curitiba, propõe, em 1º de maio, em seu nome e no de sua família, construir e doar uma moderna sinagoga para a comunidade do Paraná. Em Assembleia a 29 de junho os associados aprovam a

cessão da área para a construção da sinagoga, e a pedra fundamental foi lançada em 29 de dezembro, com a presença do rabino Baruch Rabinovich e as maiores autoridades do Estado. Na ocasião falou o presidente do CIP, Moyses Bronfman.

**1960** – Em 31 de julho é eleita nova diretoria do CIP, comandada por Henrique Knopfholz, tendo como vice Marcos Axelrud e secretários Luiz Mazer e Maurício Fisbein. Em 12 de agosto, a comunidade recebe a visita do Embaixador de Israel, Joseph Tekoah.

**1961** – Inaugurada a Sinagoga Francisco Frischmann em 1º de julho, com a presença do então governador do Estado, Ney Braga e outras altas autoridades. O ato teve como celebrante o rabino Mendel Diesendruck. A festa marcou época e o evento teve repercussão internacional.

**1962** – Inauguração da nova sede do Centro Israelita do Paraná, situada entre as ruas Mateus Leme e Nilo Peçanha, com uma formidável programação que iniciou um dia antes com cerimônia religiosa na sinagoga e que se prolongou até o dia 8 de julho com uma série de eventos. Participaram autoridades, representantes judaicos da Claims Conference e das demais instituições judaicas brasileiras de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Minas Gerais e de Ponta Grossa, no Paraná. É realizada uma homenagem aos presidentes do CIP.

**1963** - O CIP comemora o cinquentenário de fundação como Sociedade Israelita do Paraná com um grande baile, apresentações musicais, jantar dançante e entrega de prêmios aos vencedores de torneio esportivo.

**1970** – Os formandos desse ano são homenageados pela Wizo Paraná.

**1971** – Assume a Prefeitura de Curitiba o arquiteto Jaime Lerner, o primeiro membro da comunidade judaica a dirigir a cidade, por três vezes. Promove nessa gestão (1971-1975) e nas duas administrações seguintes (1979-84 e 1989-92) uma verdadeira revolução urbanística, que lançou seu nome internacionalmente.

**1975** – Saul Raiz, membro da comunidade e engenheiro é indicado prefeito de Curitiba na administração do governador Ney Braga. É o segundo prefeito de origem judaica que a capital do Paraná teve. Ele permanece no cargo até o janeiro de 1979.

**1979** - O então ex-primeiro ministro de Israel Itzhak Rabin visita a comunidade de Curitiba, num evento promovido pelo Fundo Comunitário no CIP, no dia 23 de março.

**1978** - O CIP e a comunidade comemoram os 30 anos da Independência de Israel.

**1985** - A Escola Israelita Brasileira “Salomão Guelmann” comemora seu cinquentenário de fundação.

**1988** – Em 14 de agosto foi fundado o Instituto Cultural Judaico Brasileiro “Bernardo Schulman”, no Centro Israelita do Paraná, na presença de autoridades do Estado, presidentes de entidades, do conferencista professor Nachman Falbel e de convidados.

É realizada pela Federação Israelita do Paraná a I Semana de Israel.

**1989** – A Federação Israelita do Paraná realiza entre 22 e 28 de maio de 1989 a II Semana de Israel com grande sucesso de público judaico e não-judaico.

**1995** – Comemoração dos 60 anos da Escola Israelita Brasileira “Salomão Guelmann”.

Jaime Lerner é eleito pela primeira vez governador do Paraná. É o primeiro judeu a governar o Estado.

**1996** – O prédio da Escola Israelita Brasileira “Salomão Guelmann” é reinaugurado após reformas em 13 de setembro.

O Dror comemora seus 50 anos de fundação e o Habonim Dror de Curitiba marca o evento com um grande jantar.

**1997** – Realizam-se em Curitiba a X Haboníadas, jogos esportivos reunindo jovens do Dror de todo o Brasil.

Congresso das comunidades judaicas do Brasil é realizado em Curitiba para análise dos problemas das pequenas comunidades. Decide-se adotar o sistema de Kehilá para administrar a comunidade de Curitiba.

**1998** – A comunidade comemora os 50 anos da Independência de Israel. E da fundação da Na' Amat Pioneiras.

**1999** - Jaime Lerner é reeleito governador do Paraná, com mandato 1999–2003. O Paraná assiste a um desenvolvimento industrial e econômico, especialmente com a instalação de fábricas de veículos automotores.

Começa a operar em Curitiba a Kehilá, sistema de administração da comunidade, utilizado nas antigas comunidades da Europa, mas implantada de forma a integrar melhor as instituições. Foi iniciativa de um grupo de membros da comunidade, entre eles Miguel Krigsner e Leo Kriger, e que há dez anos lutou para alcançar esse objetivo.

**2000** – A revista “O Macabeu”, criada por jovens curitibanos completa 45 anos de circulação.

**2001** - Na gestão do presidente Gerson Fisbein tem início uma reforma profunda da sede do CIP.

**2002** – Inaugurada em 17 de dezembro a nova sede do CIP cujo projeto arquitetônico atual foi realizado pelo profissional Julio Pechmann.

Começa a circular em Curitiba o jornal Visão Judaica, com frequência mensal.

**2008** – Inicia o trabalho de restauração de todas as Torás da Sinagoga do CIP, patrocinado pela família Zugman.

O CIP comemora os 60 anos da Independência de Israel com um jantar de gala.

**2010** – Em 7 de novembro é lançada a pedra fundamental da nova sinagoga a ser construída na área do Centro Israelita do Paraná, a Beit Yaacov, juntamente com o primeiro memorial do Holocausto no Brasil, numa iniciativa do Sr. Miguel Krigsner e de sua família.